

## “Sons ao e-vento”: máquinas de tempos bio-tecno-lógicos

Susana Oliveira Dias  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
susana@unicamp.br

Ana Paula Camelo  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
apc.camelo@gmail.com

### Resumo

Interessa-nos per-correr as potencialidades que a criação do CD *Sons ao e-vento* – feito pelo músico João Arruda para a instalação “Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em vãos, ventos, sombras, cores...” – tem para oferecer/criar/experimentar junto ao pensamento no campo da divulgação científica e cultural. A instalação fez parte das ações dos projetos de pesquisa e extensão “Biotecnologias de rua” e “Um lance de dados”, ambos desenvolvidos por pesquisadores e artistas vinculados ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). As músicas produzidas resultaram de mixagens de composições do artista, samplers diversos e do álbum *Jogos de armar* do músico Tom Zé e sons captados durante a performance teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”, apresentada nas ruas de Campinas-SP e que propôs um jogo de dados com imagens e palavras com o público. Tais composições nos fazem pensar nas músicas como máquinas de tempos bio-tecno-lógicos. Produções maquinais-musicais que investem na criação de um tempo não cronológico, que não pretendem trazer à memória do visitante da instalação uma peça que aconteceu, numa recuperação e representação do passado. Mas antes, tentam inserir nela vazios, agenciar outras forças, ruídos, sons. Forças das culturas, conhecimentos e pensamentos, nas conexões entre arte, filosofia, ciência e comunicação, que sejam capazes de inserir ciências, biotecnologias e divulgações em outros fluxos, velocidades. Abrir as forças do território ciência-divulgação ao mundo. Movimento que, para o filósofo Gilles Deleuze, supõe o jogo e o acaso.

### Palavras-chave

Ritornelo – sonoplastia – divulgação científico/cultural

*Atenção! Atennçãoooo!*  
*(pausa)*  
*Bem-vindo aos ventos, cores e sons desta instalação.*  
*Num dado e... vento,*  
*biotecnologias e culturas em jogo*  
*pelas paredes, vãos e chãos deste espaço:*  
*clones;*  
*terapias genéticas;*  
*alimentos transgênicos;*

*maravilhas marcantes que iluminarão sua vida e o seu céu...  
imagens e sons das mais diversas origens e finalidades da divulgação científica;  
da arte  
das mídias  
das ruas  
e muitos lugares existentes...  
ou não!*

O que seria apenas uma edição de sons, registrados durante a performance teatral “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”<sup>1</sup>, produzida em um projeto de pesquisa e divulgação científica Biotecnologias de Rua<sup>2</sup>, tornou-se a criação de uma trilha sonora com composições musicais do artista João Arruda que nos parece potente, por intensificar as apostas do projeto e, ao mesmo tempo, arrastá-las para devires imprevisíveis.

A trilha sonora ganhou o nome *Sons ao e-vento* e foi criada para a instalação “Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, cores, sombras, sons...”<sup>3</sup> Num imenso e antigo galpão de café, no Centro Cultural (CIS-Guanabara), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), espalhamos projeções, cores, transparências, sons, tecidos, plásticos, cuja dis-posição queria convidar os participantes a andarem, escutarem,

---

<sup>1</sup> Ficha técnica: Título – “Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo”. Direção e Roteiro - Grupo Parada de Rua: André Malavazzi, Carolina Cantarino, Elenise Andrade, Maria Cristina Bueno, Marcelo Lírio, Susana Dias. Figurino e cenografia - André Malavazzi, Carolina Cantarino, Fernanda Pestana, Gabriela Chiarelli e Susana Dias. Atores - Marcelo Lírio (cientista) e Cristina Bueno (mulher-dado). Produção - Biotecnologias de Rua (Coord. Carlos Vogt) equipe de pesquisadores e artistas do Labjor e FE Unicamp. Número do processo: 553572/2006-7. Edital MCT/CNPq n. 12/2006. Duração - 40 min. Leia sobre em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3&noticia=416>

<sup>2</sup> O projeto Biotecnologias de Rua é coordenado por Carlos Vogt e foi aprovado pelo Edital MCT/CNPQ 12/2006 – Difusão e popularização da C&T. Número do processo: 553572/2006-7.

<sup>3</sup> Ficha técnica: “Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, cores, sombras, sons...” Criação: Alik Wunder, André Malavazzi, Carolina Ramkrapes, Carolina Cantarino, Elenise Andrade, Fernanda Pestana, Glauco Roberto, Gustavo Torrezan, João Arruda, Thiago la Torre, Susana Dias, Sheyla Smanioto Macedo. Assessoria de montagem: Marli Wunder, Odair Mechi Soares e Renato Salgado de Melo Oliveira. Figurino: Marli Wunder e Maria Nadir de Quadros. Sonoplasta: João Arruda. Artista Visual: Thiago La Torre. Designer: Fernanda Pestana. Sub-coordenação: Susana Dias, Elenise de Andrade e Alik Wunder. A instalação fez parte das ações do projeto de pesquisa e extensão Num dado evento: biotecnologias e culturas em jogo” coordenado pelo Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr. financiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac) da Unicamp (Edital Preac 2008/ convênio 519-292/auxílio 803-08) e do projeto Biotecnologias de Rua, coordenado por Carlos Vogt (Edital MCT/CNPQ 12/2006 – Difusão e popularização da C&T. N. 553572/2006-7) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

mexerem(-se) e, com esses gestos, fazerem acontecer o que chamamos de e-vento. O que foi anteriormente capturado de registros sonoros e imagéticos da peça ampliou-se, subverteu-se. A peça propunha um encontro do público com as biotecnologias a partir de um imenso jogo de dados. O dado – de informação, de determinado, de jogo – foi uma intensidade que capturamos das biotecnologias e que utilizamos para movimentar esta proposta de divulgação científica e cultural. Dois atores e três dados, com imagens e palavras nas faces, interagiam e colocavam em jogo as noções de humano, vida e futuro. Os dados eram lançados pelo público junto com a questão: “que palavra você levaria para o futuro dos humanos?”. Um grande poema, do futuro dos humanos, com palavras dadas e doadas, era in-ventado pelos dados-atores-público-interações a cada lance.

Na instalação, a aposta era utilizar os diversos registros da performance teatral para fazer proliferar possibilidades de entendimento das noções de vida, humano e futuro, expandindo e multiplicando os efeitos que a peça havia causado junto ao público. Estabelecemos, na ocasião de planejamento das ações, os seguintes objetivos para a instalação:

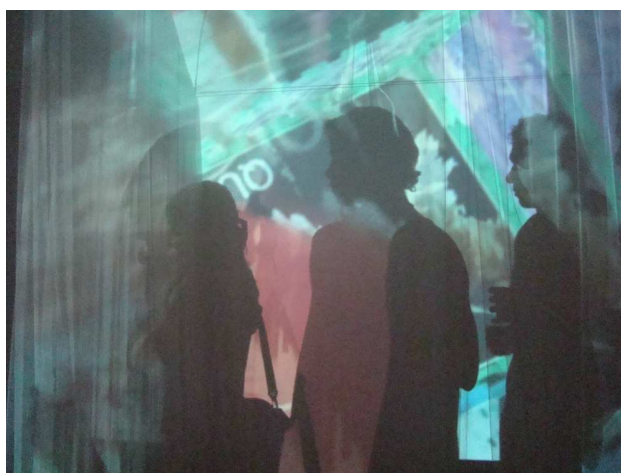
- Explorar as potencialidades da divulgação científica como divagações por entre mídias, ciências, arte e filosofia. Expandindo, dispersando, multiplicando e esgarçando essa noção em explorações de outras possibilidades de expressão, apostando na estética como movimento político de resistência às fixações dos conhecimentos, sensações, vozes e silêncios em determinados e privilegiados espaços/tempos da contemporaneidade;
- Criar uma instalação-evento que não visava preencher o grande vão da Estação Guanabara, mas estabelecer com ele “pluriálogos”;
- Afirmar a passagem da peça-experimentações nas ruas e Museu da Imagem e do Som (MIS) na criação da instalação-evento. Uma afirmação que não fosse fixação, nem representação do que “realmente” aconteceu. Uma aposta de que a instalação-evento não fosse uma representação nem das biotecnologias, nem da peça, nem das ruas...

- Potencializar o entendimento das biotecnologias não como produção restrita aos laboratórios, mas como produção que se efetua e expressa como uma maquinaria: pesquisas, pesquisadores, artigos, produtos, públicos e divulgações pelas mídias (textos, imagens e sons nos jornais, revistas, internet, TV, cinema etc).
- Afirmar a potência do fragmento (imagem-palavra-som), sem submetê-lo ao poder de qualquer totalidade (da realidade, das biotecnologias, dos conhecimentos);
- Explorar meios-objetos-sensações que propiciem sensações de proliferação da vida pelas imagens, sons e palavras; pela interação que se dá em experimentação de corpos: visitantes, imagens, sons, palavras. Divulgação como proliferação de vida. Divagação.
- Suspender o julgamento moral (bem e mal) que marcam a maquinaria de expressão das biotecnologias; abertura a um divagar por um tempo suspenso, caótico. Produção de sentidos no acontecimento efêmero, momentâneo.

Levar a peça, os registros, as biotecnologias, a divulgação científica para além. Para além dos limites impostos pelas ciências e culturas na contemporaneidade, além das determinações de divulgações que se pretendem representantes das ciências, para além das fixações do pensamento num tempo cronológico, marcado pela seta e ciclo do tempo, preso ao tempo dos corpos das ciências, das mídias, marcado pelo tempo do controle e da massificação. Buscávamos tempos de outra natureza. Maquinações de outra natureza. Demos especial atenção aos sons na proposta. A intenção era trabalhar com a potencialidade única que o som tem de provocar sensações, muitas vezes, difíceis de serem traduzidas ou capturadas em palavras ou imagens. “Faremos, assim, com que a dispersão, a imaterialidade, os fragmentos casualmente re/combinados dos sons possam confrontar/resistir/dialogar com a insistência na determinação, no controle, na substância, sugerida pelas biotecnologias”, dissemos na proposta inicial enviada à Preac-Unicamp (2008). Que sons efetuariam tais intenções?

*jogos... luzes... músicas... poesias... fotografias... pessoas e objetos  
que pretendem tocá-lo e serem tocados por você!*

De fato não seriam sons a serem reduzidos a música de fundo, sons e música para não serem ouvidos como conceituou “Moozak” R. Murray Schafer em *A afinação do mundo* (2001: 145). Pelo contrário, seriam sons que atuam (e atuaram) para além de simples paisagem, decoração sonora. Sua multiplicação, ao invés de poluição sonora, pretendia gerar movimento, (des)inte(g)ração de tudo aquilo que ali estava sendo posto em jogo: biotecnologias, divulgação científica, tempo, poder...



Visitantes na instalação “Num dado e-vento: biotecnologias e culturas em texturas, vãos, cores, sombras, sons...”. Fotografia de Alik Wunder

Em seus estudos sobre o cinema, Gilles Deleuze nos fala de “situações óticas e sonoras puras”, situações em que o cinema cria imagens e sons que se desligam do prologamento motor, da relação de causalidade, da lógica representacional e se ligam à possibilidade de não mais descrever os objetos: “(...) era pura descrição que substituíu seu objeto, um puro e simples cenário” (DELEUZE, 2005: 79). Cenários sonoros e visuais que valem por eles mesmos, que não correspondem ao vivido e experimentado, mas que são reais. Que proliferam e (des)significam graças a essa dissociação entre o som e a sua fonte primeira (real?), entre o registro sonoro e a sua execução (de mil e uma formas) no e-vento. Um ouvir sem ver, ver outro que não se ouve, que “favorece uma outra maneira de escutar,

estabelecendo uma ruptura com a maneira tradicional de se relacionar com o som, seja no plano da música, da comunicação ou dos sons cotidianos” (Obici, 2006: 7).

*pense, dance, pense, dance, pense, dance, dance, dance, dance, dance  
pense, pense, dance...  
pule, pule, pule com o tule  
e faça uma boa viagem!*

O que a destruição dos cenários sonoros e imagéticos já estabelecidos das biotecnologias-divulgações poderia potencializar? Que forças desconhecidas poderia agenciar? A invasão dos territórios biotecnológicos e da divulgação científica por novos ritmos parte da busca por abrir as forças do território ciência-divulgação ao mundo. Movimento que, para o filósofo Gilles Deleuze, supõe o jogo e o acaso (Gil, 2008).

Ana Paula Camelo pergunta-se em sua pesquisa de mestrado<sup>4</sup>: “Qual é o som das biotecnologias?” e investe na criação de programas de rádio que se propõem a falar das biotecnologias por rumos que investem na esquizofrenia, na ideia de um rádio esquizofrênico, que pelo uso e abuso da sinestesia, da sonoplastia e dos recursos da linguagem, tenta escapar às imagens escolhidas, difundidas e repetidas pelos meios de comunicação em geral para representar as biotecnologias. Apostando na imaginação de cada ouvinte como meio de complementação da comunicação, a pesquisa intenciona levar o público não somente a ouvir, mas também a ver, saborear, cheirar e sentir as biotecnologias de outras formas. A partir dos sons e dos silêncios, da criação, (re)invenção de suas próprias imagens mentais geradas a partir da experiência da escuta.

Na primeira produção que o artista nos apresentou, os signos do controle, do medo, da angústia e da dor percorriam suas músicas. Ritmos que remetiam aos filmes de ficção científica. A segunda produção do artista, que resultou no CD *Sons ao e-vento*<sup>5</sup>, cria sons

---

<sup>4</sup> Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação dos professores Dr. Carlos Alberto Vogt e Dra. Susana Dias.

<sup>5</sup> Ficha técnica: Título: Sons ao e-vento Composições, programação, efeitos, vocais, violão e percussão: João Arruda. Gravações: João Arruda e Pedro Romão. Mixagem: Pedro Romão e João Arruda. Masterização: Pedro Romão. Narração: Carlos Francisco Valverde; Cristina Bueno; Elenise Cristina Pires de Andrade e Marcelo Lírio. Participação Especial: Alexandre Lemos na percussão corporal e efeitos vocais. Gravado, mixado e masterizado no estúdio da Valverde Arte & Cultura

que perfuram o cenário habitual, que fissuram a paisagem que estava dada. A produção musical final de João Arruda nos convida a pensar e a sentir a possibilidade de não haver um som que seja próprio das biotecnologias. Que tempo poderia nascer da perda de propriedade, da perda de identidade? Sons *ao* e-vento e não *do* e-vento. Sons que se oferecem *ao* e-vento e que anunciam um despertencimento. Que não querem ilustrar as biotecnologias, a divulgação científica. Que não desejam captar delas o que possa transmitido. Mas que antes se oferece a elas, cria com elas, climas, atmosferas, paisagens nunca ouvidas. “(...) as paisagens melódicas também deixam de ser apenas melodias que acompanham o percurso de um mapa territorial para se tornarem elas próprias paisagens sonoras: a melodia entrou em devir-paisagem” (Gil, 2008:130).



Instalação “Num dado e-vento:  
biotecnologias e culturas em texturas, vãos,  
cores, sombras, sons...”. Fotografia de Alik Wunder

---

Criação de textos: Alik Wunder, Elenise de Andrade e Susana Dias. Projeto "Um lance de dados: jogar/poemar por entre bios, tecnos e logias". Produção feita a partir da performance teatral "Num dado momento: biotecnologias e culturas em jogo". Designer: Fernanda Pestana.

Parece-nos que um outro artista em uma de suas in(ter)venções, Frédéric Lavoie, criou e executou pelas ruas da cidade francesa de Marselha também um tipo de desterritorialização sonora da qual estamos falando. De duas formas distintas, Lavoie acrescentou elementos sonoros ao ambiente onde estava e por onde passava. Primeiro, a pé, dispersando pelas ruas por onde andava sequências de pegadas, sons de passos pré-gravados que não correspondiam àquele contexto – passadas pela neve, pela água – mas que, de alguma forma, eram sincronizados com os passos das pessoas que por ali passavam. A segunda experiência do artista foi, dessa vez, parado. Adicionava outros sons à paisagem sonora daquele lugar com o objetivo de criar um deslocamento entre o que era visto e o que era ouvido. Gatos miando, um trator que passava sobre latas esmagando-as. Sons que visavam produzir estranhamentos, uma experiência sonora da discordância. Como pronunciou o próprio artista:

à prova o nexos de causalidade entre o evento e o som anexados a ele. Tudo funciona bem quando ouço o que corresponde ao que vejo, mas se essa relação causal é quebrada, eu preciso renegociar minha relação com a realidade, pelo menos momentaneamente. (...) O som está sincronizado, mas não corresponde à superfície. O tempo da acção é realista, mas não o lugar!<sup>6</sup> (Lavoie, 2008).

Algo que Lavoie busca com seu trabalho e que vem de encontro com a produção do músico João Arruda: uma tentativa de produzir efeitos ruptura entre o que pode ser visto e o que pode ser ouvido, uma subversão entre o deslocamento percebido sobre uma superfície e o som previsto, esperado. João Arruda se utilizou de trechos do *Jogos de armar: faça você mesmo*, de Tom Zé, que anuncia no encarte do CD:

“Lá, o embrião de células musicais que podem ser manejadas, remontadas: um tipo de canção-módulo, aberta a inúmeras versões, receptiva à interferência de amadores ou profissionais, proporcionando jogos de armar nos quais qualquer interessado possa fazer por si mesmo:  
a. uma nova versão da música, pela remontagem de suas unidades constituintes;

---

<sup>6</sup> “It puts to the test the causal relation between the event and the sound attached to it. Everything works fine when what I hear corresponds to what I see, but if this causal relation is broken, I need to renegotiate my relation towards reality, at least momentarily. (...) The sound is synchronized but does not correspond to the surface. The time of the action is realistic but not the place!”

- b. aproveitamento de partes do arranjo que foram abandonadas;
- c. reaproveitamento de trechos de letra não usados nas canções, para completá-las ou refazê-las;
- d. construção de composições inteiramente novas, com células recolhidas à vontade, de qualquer das canções do disco-mãe”.

Permitir reelaborações, remontagens, mixagens. Aberto às bandas de garagem, para que possam fazer, até fora da garagem, suas recriações. Células sonoras à disposição, libertas das relações entre autoria-poder-propriedade. Na criação do músico João Arruda, os blocos sonoros do *Jogos de armar: faça você mesmo* foram misturados às gravações da performance teatral nas ruas e em estúdio, a samplers diversos, composições suas, bem como trechos de textos acadêmicos criados pela equipe de pesquisadores do projeto e trechos do poema criado no jogo com o público que assistia à peça.

Suas músicas aparecem para nós como máquinas de tempos bio-tecno-lógicos que pretendem uma comunicação por afectos e perceptos, pela invenção de durações que não estão presas ao tempo cronológico, mas à ideia de duração-intensidade, que encontramos na noção de tempo *aion*<sup>7</sup> de que nos fala Gilles Deleuze na obra *Lógica do sentido* (2006). Tais conceitos nos parecem potentes para pensar essa invenção constante de variações das divulgações científicas. Um jogo incessante de diferir suas formas de expressão, de afirmar meios e ritmos. Momento em que os signos tornam-se expressivos, artísticos. Quando vão além de uma referência ao espaço-tempo referente, à origem, à mãe (música, cd, conhecimento, ciência, laboratório). *Passagem de som*.

Música é aquilo que se faz ao mesmo tempo em que se desfaz, que ganha uma realidade a cada instante, sempre lançada sobre o futuro. Quando se ouve uma música pela primeira vez, é no futuro que esta música está; ela cruza aquilo que não temos a menor ideia com um pouco daquilo que já conhecemos. Daí a música seguir a dinâmica da repetição, não a da simples reiteração circunscrita a um objeto, ao fenômeno sonoro, mas de uma outra repetição, totalmente a parte, em que a música não repousa apenas no sonoro. A repetição vista como o ato de repetir sempre a condição de trazer o diferente, de permitir novas conexões. E, nesse sentido, ideias tradicionais, como aquela que atrela o serialismo à diferença e o minimalismo à reiteração, podem até mesmo ser postas pelo

---

<sup>7</sup> Aion, diz Gilles Deleuze em *Lógica do sentido*, é a “pura forma vazia do tempo, que se liberou de seu conteúdo corporal presente e por aí desenrolou seu círculo, se alonga em uma reta, talvez tanto mais perigosa, mais labiríntica, mais tortuosa (...)” (2006:170).

avesso, revelando-se novamente o futuro como potência de escuta.”  
(Ferraz, 2005: 28-9).

A trilha sonora de João Arruda será agora objeto de uma nova experimentação, que desta vez parte dela, pretende ser criada com ela e com os novos registros das ações-intervenções do projeto Biotecnologias de Rua, que se expandiu em outro projeto: “Um lance de dados: jogar, poemar por entre bios, tecnos e logias”<sup>8</sup>. A nova proposta é criar um vídeo-registro em que as músicas do *Sons ao e-vento* movimentem a seleção e edição das imagens. Um vídeo-registro que quer se oferecer ao espectador como uma carta de amor.

Nessas experimentações, criadas nos contatos entre artistas e pesquisadores, que se dedicam a pensar e produzir no campo da educação e da divulgação científica, interessamo-nos metodologicamente por aquilo que podemos criar *entre* arte, ciências, culturas; e nas múltiplas configurações do tempo que repercutem de tais propostas; nas forças que libertam para os campos da comunicação e educação. “Nada nos é dado, senão a força de escaparmos” (Gil, 2008: 134).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. 2006. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DELEUZE, Gilles. 2005. *A imagem-tempo*. Trad. De Eloisa de Araújo Ribeiro; São Paulo: Brasiliense, 2005. (Cinema 2).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: ED34, 1997. (Coleção Trans).

LAVOIE, Frédéric. Systèmes de sons: intervention furtive dans Marseille. *Inflexions – how is research-creation?* vol. 1, n. 1, mai. de 2008. Disponível em: <<http://www.senselab.ca/inflexions/htm/tangents/Lavoie.html>>. Acesso em: 14 ago. 2009.

GIL, José. 2008. Ritornelo e imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José. Nietzsche/Deleuze: jogo e música: VII Simpósio Internacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação da Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

FERRAZ, Sílvio. 1998. *Música e repetição: a diferença na composição contemporânea*. São Paulo: Educ.

---

<sup>8</sup> Aprovado no Proext 2008 do Ministério da Educação e Ministério da Cultura. Coord. Carlos Alberto Vogt, Sub.Coord. Susana Oliveira Dias, Elenise Cristina Pires de Andrade e Alik Wunder. Convênio 4210 Fauf/Nudecri.

OBICI, Giuliano. 2006. *Condição da escuta: mídia e territórios sonoros*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Semiótica, PUC/SP, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/giuliano/condicaoescutagiuliano.pdf>>. Acesso em: jul. 2009.

SCHAFER, Murray. 2001. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp.